



O USO DAS INTERFACES ON-LINE NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL E A OBJETIVAÇÃO DE PROFESSORES

Maria Eduarda Toluz Medeiros Nogueira^{1,2}

Resumo: No rol das publicações em redes sociais, durante o Ensino Remoto Emergencial (ERE) e no que concerne ao exercício pedagógico, a maneira como os professores utilizaram as interfaces on-line e o próprio desconhecimento das formas de uso de plataformas digitais centralizaram críticas de diferentes ordens. Depois de observar o processo descrito, neste exercício analítico, proponho, através do arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa, afinado aos estudos de Michel Foucault, analisar a objetivação de docentes em publicações feitas por estudantes no Twitter, sobretudo ao se referir aos métodos de ensino, em postagens referentes aos dois anos de distanciamento físico. Conforme a metodologia que ampara o recorte, o estudo é de natureza qualitativa. Analiticamente, merece ênfase a percepção de que, ao aplicar mídias digitais nas rotinas acadêmicas, os limites das práticas adotadas sob a nomenclatura do letramento digital se dispersaram, confundindo-se, por vezes, com a modalidade de ensino da Educação à Distância (EAD). Dentro dessa perspectiva e levando em consideração a gama de possibilidades que emergiram nos enunciados em rede, além de novas normas vigentes, entendo que colocar os docentes nos papéis de incapazes pedagogicamente, e fixados em uma pressuposição teatral, colabora para a desvalorização da área.

Palavras-chave: Twitter. COVID-19. Redes sociais.

THE USAGE OF ONLINE INTERFACES IN THE EMERGENCY REMOTE TEACHING AND THE OBJECTIFICATION OF PROFESSORS

Abstract: *In the range of publications on social networks, during Emergency Remote Teaching (ERT), and concerning the pedagogical work, the way in which teachers use online platforms and its misunderstandings produced disapproval from different fields. After observing the described process, in this analytical exercise, through the theoretical and methodological assumptions of Discourse Analysis of the French line, more in tune with Michel Foucault's studies, I propose to analyze the teachers' objectification in publications made by students on Twitter, especially when referring the learning methods adopted by teachers, in posts regarding to the two years of physical distancing. The methodology that supports this study is qualitative. Analytically, it's important to emphasize that, when digital media emerge in academic routines, the limits of the practices denominated by digital literacy were dispersed, and this context may produce confusion between what is Emergency Remote Teaching and what qualifies the Distance Education Modality. Within this perspective and taking into account the range of possibilities that emerged in the statements in the network, besides the new rules, I understand that placing teachers in the roles of pedagogically incapable and establishing their practices as a mere theatrical assumption cooperate to the devaluation of their profession.*

1 Graduanda em Letras Português-Espanhol; bolsista PIBIC - UFMS. ORCID: 0000-0003-2911-387X.

2 Trabalho escrito sob a orientação da Profa. Dra. Elaine de Moraes Santos - FAALC/UFMS.

Keywords: *Twitter; COVID-19; Social Networks.*

Considerações iniciais³

Entre os anos de 2020 e 2021, principalmente devido à propagação viral da COVID-19 e ao grande índice de contágio, medidas de biossegurança foram estabelecidas por meio de decretos, e o domínio comunitário passou a ser organizado por condutas governamentais que visavam conter o colapso sanitário. No cenário educacional, docentes deram seguimento às aulas por meio do Ensino Remoto Emergencial (ERE). A adesão a esse formato, entretanto, refletiu em um desgaste na plenitude da prática docente e, por consequência, deu-se início a um processo de *objetivação* (FOUCAULT, 1995) de sua imagem em postagens de discentes no Twitter. Nas publicações em torno do funcionamento pedagógico, a forma como os professores utilizaram as plataformas on-line e o próprio desconhecimento de meios digitais concentraram críticas de diferentes esferas.

Depois de observar o processo descrito, neste exercício analítico, que é fruto de trabalho desenvolvido em disciplina optativa do curso de Letras, proponho pensar como o período pandêmico influenciou, também, nas práticas docentes e escolares. Trata-se de uma dimensão própria à formação inicial a que fui submetida e que compõe o olhar que direciono para o corpus de análise.

Considerando a circulação de discursos que tematizam o ensino remoto e fundamentada na Análise do Discurso de orientação francesa, afinada a Michel Foucault, meu objetivo é analisar o modo como docentes foram objetivados na pandemia de COVID-19, principalmente em sua relação com o uso de tecnologias digitais. Para tanto, aciono o que, na área, é denominado método arqueogenealógico foucaultiano, envolvendo duas formas de se compreender as práticas discursivas (na articulação entre a genealogia e a arqueologia). No decorrer deste artigo, organizei o percurso em duas seções. Em um primeiro momento, delineio o referencial teórico-metodológico do estudo. Na segunda seção, contemplo a forma como os docentes foram objetivados no Twitter, o que configura a análise da Sequência Enunciativa I mobilizada.

3

Referencial Teórico-metodológico

Considerações preliminares

Para que as atividades educacionais não parassem, em decorrência do distanciamento físico adotado no combate à pandemia da COVID-19, foram tomadas algumas medidas, sendo uma delas a instauração do Ensino Remoto Emergencial (ERE), todavia essa migração das salas de aulas para o ambiente virtual desencadeou diversos Tweets acerca da capacidade dos docentes. Olhar para isso configura o primeiro pilar de discussão teórica desta seção. O segundo pilar em que me baseio é a noção de arqueogenealogia foucaultiana, um conceito compósito, por meio do qual a arqueologia diz respeito às interrogações sobre como aparecem e se transformam os saberes, e a genealogia de questionar as condições de emergência desses saberes. O terceiro e último pilar advém da compreensão do Twitter, enquanto espaço de circulação de discursos diversos.

Ensino remoto emergencial

Segundo o Vocabulário da pandemia do novo coronavírus, elaborado sob perspectiva discursiva, a modalidade ensino remoto emergencial corresponde a um “[...] modelo de ensino adotado durante a pandemia do novo coronavírus, mediado ou não por tecnologias digitais de informação e comunicação, em substituição ao ensino presencial”⁴. A sua implementação foi realizada enquanto uma solução imediata à crise instaurada, funcionando como alternativa temporária, para que a comunidade escolar se adequasse ao isolamento social requerido

Para refletir sobre os processos descritos, mobilizo o que, na área, é intitulado como método arqueogenealógico foucaultiano. Segundo Gregolin (2015, p. 09), em relação à arqueologia, busca-se interrogar “[...] como os saberes aparecem e se transformam”, enquanto, na genealogia, questiona-se “[...] o porquê dos saberes, entendendo-os como elementos de um dispositivo cuja natureza é estratégica”. Na perspectiva da autora, o objetivo do método é “[...] diagnosticar e compreender a racionalidade de práticas sociais do saber e do poder que produziram o que somos nós, no nosso presente” (GREGOLIN, 2015, p. 10), tanto quanto o que poderíamos não ser.

Na esteira do que Foucault (2008) sinalizou, por exemplo, sobre a influência do discurso da gramática nas práticas pedagógicas, interrogo de que modo os discursos

⁴ Disponível em: <https://www.ufsm.br/coronavirus/vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronavirus>. Acesso em: 29 set. 2021.

sobre ensino remoto emergencial impactaram nas relações entre docentes e alunos. Isso porque, quando se focaliza o funcionamento do dispositivo escolar na pandemia, surgem os efeitos da circulação dos discursos nas esferas que o constituem – a exemplo dos moldes tradicionais das práticas pedagógicas, nos quais o professor se encaixa no papel de detentor do conhecimento, e o aluno no papel de uma folha em branco que precisa ser preenchida. De acordo com Ferraz (2018), o ato de ensinar se restringe a algo metodologizado, memorizante e incompatível com os novos perfis de discentes que, a cada momento, estão mais conectados digitalmente.

Ferraz (2018) pondera que, dentro dos perfis tradicionais de ensino, o professor que ensina é aquele que segue acreditando em uma hierarquização e verticalização das práticas pedagógicas, o mais conhecido, "eu ensino, o aluno aprende". Nessa direção, as noções de ensino e aprendizagem (em separado e sem hífen) são categorizadas como uma troca de informações entre professor e alunos, que têm por enfoque a necessidade do aluno como quem precisa aprender. Colocando os dois conceitos separados, o “ensinar” e o “aprender”, restringe-se o processo educativo a uma prática estanque, isolada e não colaborativa. Usar o conceito de ensino-aprendizagem (com hífen) não é diferente. Ferraz e Mendes (2021, p. 121) têm insistido:

[...] na necessidade de renomearmos a nossa área como educação linguística (e não mais ensino-aprendizagem de línguas, em que o professor ensina e o aluno aprende), pois, por meio das filosofias pós-estruturalistas da linguagem, percebemos uma virada linguística em que os conceitos de língua e linguagem, as questões de centro-margem, os jogos da linguagem são ressignificados, expandidos e problematizados, a favor de uma educação contextual e diversa.

Sendo assim, a educação linguística, de que falam os autores citados, corresponde a um conjunto de fatores socioculturais que se originam no início de sua vida, em decorrência das interações com o meio em que se está inserido, trazendo a aquisição da língua materna a um sujeito e toda uma cultura de linguagem. De acordo com Freire (1996, p. 14), por sua vez, “[...] educador e educandos, lado a lado, vão se transformando em reais sujeitos da (re)construção do saber, pois o conhecimento não está no professor, o conhecimento circula, é compartilhado”. Na esteira do que propõe o autor, educar em uma língua corresponde ao mesmo que refletir sobre os conceitos que englobam a aprendizagem e o uso de línguas em diversos contextos, levando em consideração os objetivos de cada aluno e seu armazenamento de conhecimentos e experiências.

O recorte de corpus do Twitter

Pensando no ponto articulado de mobilização quanto aos professores objetivados no Twitter, no período de isolamento, foi o modo como os discentes descreviam as aulas e os métodos de ensino que foram readequados. Além disso, muitas das vezes, os Tweets eram anexados com prints de conversas no Whatsapp, levantando questionamentos sobre as práticas pedagógicas e expondo participantes dos diálogos.

Para Silveira (2020), botões como, curtir, comentar, compartilhar, bloquear, retweet e adicionar fazem parte do caráter de normatização que implicam sobre as discursividades, no modo com que se constroem partindo de memórias e esquecimentos técnicos e discursivos. No caso do Twitter, tais ferramentas são possíveis, porém, no âmbito dessa mídia social, o mais comum é o "Retweet" e a repercussão que é gerada pelo uso desse mecanismo. Utilizando o recurso de filtrar postagens, qualquer sujeito consegue ter acesso ao que foi publicado, em qualquer período, tendo em vista que apesar de terem passado anos após aos Tweets o acesso ainda é facilitado. A seguir, a Figura I contempla prints de interfaces do Twitter, para exemplificar os recursos citados.

Figura I



Fonte: *prints* produzidos pela autora. Criado em: 12 mar. 2023

Conforme foi explicado na introdução, como o objetivo é analisar o modo como docentes são objetivados no contexto citado, cabe esclarecer o termo-conceito “objetivados”, que remete à reflexão de Michel Foucault. Para o autor, no texto Foucault (1995), existem três formas de objetivação, que correspondem à transformação dos seres humanos em sujeitos. A primeira é ligada à investigação, que forma o sujeito a partir de pressupostos científicos que o enquadram à economia e ao estar vivo. A

segunda, que é foco desta análise, forma o sujeito a partir de sua relação com os outros - como no caso da divisão entre alunos e professores. Por fim, na terceira, o ser humano se reconhece como sujeito a partir de diferentes domínios da sociedade.

Refletindo sobre a noção de apagamento, conforme elucida Silveira (2020), ela seria a produção de um efeito de sentido dentro das redes sociais no qual todos enunciam em condições igualitárias. Aproximando da Sequência Enunciativa utilizada, os professores teriam essa condição de igualdade? Afinal, muitos docentes não possuem contato direto com as mídias digitais dos alunos, portanto não teriam direito a emitir um enunciado-resposta. Considerando que, para Foucault (1997, p. 58), “[...] as posições de sujeito se definem [...] pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos”, ou seja, que tais posições só passam a existir quando materializadas discursivamente, destaco, também, que as posições de sujeito discente e docente possuem divergências, podendo produzir enunciados com sentidos possíveis opostos, conforme cada condição de possibilidade desses enunciados.

Tendo em vista, portanto, a circulação de dizibilidades sobre os professores no Twitter, foi montado um arquivo discursivo (conforme FOUCAULT, 2008), ou seja, um sistema de enunciados composto por tuítes publicados no período recortado. Para a seleção do *corpus*, foram buscadas, na barra de pesquisas da própria rede social, as palavras-chave: “professor” e “ensino remoto emergencial” apenas levando em conta postagens realizadas entre 20 de março de 2020 e 25 de setembro de 2021. Pela heterogeneidade do arquivo, constituído por publicações que produzem de um efeito cômico a investidas em tom de embate, com ou sem prints de aulas, e pela quantidade de dados encontrados, selecionei para este exercício analítico uma Sequência Enunciativa, regular (FOUCAULT, 2008) quanto à maneira como os professores foram discursivizados no ensino remoto.

Sala de aula ou contos de fada?

Em decorrência da pandemia da COVID-19 e do isolamento social implantado, como tenho explicado, as salas de aulas foram levadas para os lares. As escolas e as universidades continuaram a ofertar disciplinas por meio de plataformas digitais, por exemplo, o Google Meet. Com a migração, na nova modalidade de ensino, alguns sujeitos, na posição aluno, passaram a expor seus professores nas redes sociais, como o Twitter. A Sequência Enunciativa I, a seguir, refere-se a uma publicação que foi realizada por alunos no Twitter durante o isolamento social, em 2020. Ela é fruto de uma

pesquisa realizada na barra de busca da própria plataforma e é representativa da regularidade discursiva inerente ao período.

SE I



Fonte: *print* produzido pela autora.

No tweet, a postagem adjetiva a modalidade remota de ensino como ridícula. Esse item lexical, segundo o dicionário Oxford, remete ao que “[...] provoca riso, escárnio ou zombaria; de aspecto espalhafatoso, extravagante e que tem pouco valor; insignificante, irrisório”⁵. Sendo assim, dar essa característica ao processo menospreza a luta que muitos empreenderam, no decorrer dos anos, para difundir e possibilitar a oportunidade do acesso à educação para todos.

Quando se trata de usar um recurso pedagógico não tão mobilizado, emergem afirmativas preconcebidas, geralmente associadas à falta de habilidade com as ferramentas que ele requer. Além disso, com o enunciado “faz de conta que ensina”, o docente é objetivado enquanto um sujeito desqualificado para exercer a própria função. Tal movimento infantiliza a prática docente, pois a expressão “[...] faz de conta” é usada, regularmente, em brincadeiras de crianças, em referência à diversão e à abstração do real. Para muitos, exercer a profissão para a qual se formou é uma prática satisfatória e aprazível, além da consciência de seu papel social, porém, com a alta carga de trabalho a que os professores foram submetidos, a docência também figurou como sinônimo de adoecimento físico, de desgaste psíquico, de contrariedade.

Seguindo ainda a noção do papel do professor, o trecho “fazer de conta que ensina” se encaixaria em algo fora do esperado porque, posicionando-se em um enunciado que alude à concepção tradicional de educador que apenas transmite conhecimentos, a alusão ao mundo do imaginário, típico nas histórias infantis, coloca em questão que, mesmo esse lugar de “transmissor”, não se consolidava de verdade ou

⁵ Disponível em: <https://x.gd/CaxG3>. Acesso em: 07 mar. 2023.

pairava como farsa nessa visada tradicional de prática educativa. O educador, em seu papel, não se vê como o detentor do conhecimento, porém procura construir conhecimentos de uma forma coletiva, já que, conforme Rodrigues e Rohling (2014, p. 417), quando se trata da “[...] relação constitutiva entre o professor e o conhecimento, emerge mais recentemente, na esfera escolar, a concepção de professor mediador, que aponta para uma nova identidade docente”. Por sua vez, esse perfil de educador explicitado no Twitter pode ser categorizado como narrador de histórias infantis de “faz de conta”, pelo fato do seu método de ensino não se encaixar no modelo esperado. Ainda, há o batimento entre o “[...] professor faz de conta que ensina” e a afirmação de que “e a gente faz e conta que aprende”. Quanto à modalidade enunciativa, o pronome “a gente” remete a um sujeito que, ocupando a posição de discente, conclama a coletividade estudantil da qual faz parte.

Do ponto de vista dos sentidos possíveis, uma primeira leitura dessa sequência enunciativa é a de que há uma crítica realizada pelo usuário, utilizando-se de uma afirmativa sobre a eficácia da modalidade proposta no período pandêmico. A esse respeito, o que pesquisas como a de Ferreira, Ferraz e Ferraz (2021) alertam é que, com a instauração do ensino remoto, além das questões sobre o uso das tecnologias, a carga horária dos docentes aumentou e a precarização de suas condições de trabalho se intensificou.

Outro aspecto importante do enunciado em estudo, aqui, é que o uso da adjetivação “ridículo” e do substantivo “bagunça” colabora para a produção de um efeito de objetivação dos docentes no contexto em análise. Isso porque, adotando o prisma foucaultiano, o trabalho e a discursivização dos professores se atualizam conforme as alterações sofridas no dispositivo escolar.

Paiva (2020), em estudo sobre a influência do debate político na educação, a partir de 2016, usa a expressão “BBE”, o Big Brother Escola, em referência à exposição e à vigilância a que professores passaram a ser submetidos no exercício de suas funções. Sobre isso, segundo Consolaro e Salinet (2021), principalmente em 2019, como justificativa para os cortes nos recursos para a educação, os professores passaram a ser caracterizados como “zebras gordas”, “doutrinadores” e promotores de “balbúrdia”.

Já na pandemia, em 2020, os ataques se mantiveram, mas acerca de aspectos distintos. Com o cotidiano no ensino remoto, considero que as formulações “ridículo” ou “bagunça”, mais do que uma caracterização atribuída ao método educacional, intensificam ofensivas contra os profissionais da área, com base nas práticas adotadas

no período – a exemplo da falta ou do excesso de atividades. É nessa medida que o professor é objetivado no campo da incapacidade de dar aula, uma objetivação que emerge apenas porque o sujeito questiona o que tem sido naturalizado: um teatro catalogado como fingimento.

Considerações finais

No desenvolvimento deste trabalho, busquei analisar a objetivação dos professores em um Tweet postado durante o período em que o ensino remoto emergencial foi implementado em grande parte das escolas do Brasil. Dentre as discursivizações regulares que encontrei, destaquei uma que caracterizava o professor incapaz pedagogicamente.

Ocupando a posição de ainda graduanda, o contato com esse resultado impeliu a aprofundar os estudos sobre o processo de desvalorização docente e lutar para que a relação entre professoras/professores e discentes seja a base para um mundo mais justo e para nossa luta incessante pela educação neste país.

Referências

CONSOLARO, V.; SILVA, A. S da. Ensino remoto e efeitos de verdade sobre o trabalho de professores no brasil pandêmico. IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE LINGUAGENS E XXII SEMANA DE LETRAS, 2020, Campo Grande. In: **Anais SIEL e Semanas de Letras**, Campo Grande: FAALC/UFMS, 2021, p. 11-20.

FERREIRA, L. G.; FERRAZ, R. D.; FERRAZ, R. de C. S. N. Trabalho docente na pandemia: discursos de professores sobre o ofício. **Fólio – Revista de Letras**, Vitória da Conquista, v. 13, n. 1, p. 323-344, jan./jun. 2021.

FERRAZ, D.; MENDES, M. C. S. de. Filosofias da linguagem pós-estruturalistas e decolonialidades: contribuições para a formação docente?. **Revista Odisseia**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 107–126, 2021

FERRAZ, D. de M. Educação linguística e transdisciplinaridade. In: PESSOA, R. R.; SILVESTRE, V. P. V.; MONTE MÓR, W. **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil**: trajetórias e práticas de professoras (es) universitárias (os) de Inglês. 1. ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2018.p. 105-119.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 5. ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

GREGOLIN, M. do R. O dispositivo escolar republicano na paisagem das cidades brasileiras: enunciados, visibilidades, subjetividades. **Revista Moara**, ed. 43, p. 06-25, jan./jun. 2015.

GREGOLIN, M. do R. Oh, bendito o que semeia livros, livros a mão cheia! Letramento, pandemia, exclusões sociais no Brasil. **Heterotópica**, v. 3, n. 1, p. 64-89, jan.-jun. 2021.

PAIVA, V. L. M. de O. Tecnologia digital em época de pandemia. **Cadernos de Linguística**, v. 02, n. 01, p. 1-12, 2021.

SILVEIRA, J. da. Hashtags e trending topics: a luta pelo (s) sentido (s) nos espaços enunciativos informatizados. **Interletras**, v. 8, n. 31, p. 1-18, 2020.

RODRIGUES, R. H., & ROHLING, N. O discurso sobre o professor mediador: uma reflexão sobre produções discursivas de licenciandos na educação a distância. **Revista Desenredo**, [S. l.], v. 10, n. 2, 2014. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/4110>. Acesso em: 10 jan. 2023.

UFSM. **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**, 2020. Disponível em: <https://www.ufsm.br/coronavirus/vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronavirus>. Acesso em: 29 set. 2021.